

“A Cultura Que Eles Tem é Viver na Praia e Bater Tambor, Era Normal Que Tivesse Problema”: Naturalização do Racismo Durante a Safra do Vinho.¹

Caroline da Rosa dos Santos²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo parte da análise do discurso proferido na Câmara Municipal de Caxias do Sul, pelo vereador, Sandro Fantinel (Patriotas), no qual ele pratica racismo e xenofobia contra os trabalhadores baianos que foram encontrados em situação empregatícia análoga à escravidão em vinícolas da Serra Gaúcha da família Salton, Aurora e Garibaldi. O objetivo deste artigo é refletir como determinados discursos de figuras públicas reforçam estereótipos que naturalizam a violência contra a população negra. A falta de consciência histórica na formação do país e o apagamento midiático influenciam na banalização dos casos em que as vítimas são negras.

Palavras-chave: Racismo; Violência; Discurso; Apagamento midiático; Estereótipos;

1. Introdução

Nos últimos meses, a "Europa Brasileira", mais conhecida como serra gaúcha, tem ganhado destaque nos portais de notícia, e o motivo não é pelo forte apelo turístico ou de uma população que sente orgulho das suas raízes estrangeiras. E sim, por denúncias do Ministério Público do Trabalho contra os empresários gaúchos, os quais mantinham em suas terras pessoas em condições análogas à escravidão. As vítimas eram nordestinos contratados em regime temporário para o período da safra da uva. Cabe dizer que os vinhos gaúchos frequentemente premiados e reconhecidos mundialmente são os da família Aurora, Salton e Garibaldi, os mesmos que teriam na essência de sua produção o trabalho escravo moderno.

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: rpearoliner@gmail.com

De acordo com as investigações reportadas no portal de notícias G1 (2023)³, a operação resgatou mais de duzentas pessoas em condições precárias, e os mesmos relatam que sofriam diversas formas de torturas e abusos, desde "espancamentos, choques elétricos, tiros de bala de borracha e ataques com spray de pimenta". E segundo reportagem da revista Fórum⁴, os espancamentos eram limitados aos nordestinos, o homem que preferiu não ser identificado durante a reportagem, relata que havia um sistema de multa quando os "baianos" pediam um adiantamento do salário e era aplicada uma taxa abusiva em cima do valor solicitado o que reduzia o valor do recebimento final. E as agressões e taxas era exclusivo contra os nordestinos, não se aplicava aos demais trabalhadores sulistas. O entrevistado levou as denúncias para as autoridades, desmanchando o esquema de exploração desses trabalhadores.

As vinícolas envolvidas Salton, Aurora e Garibaldi se eximiram da responsabilidade e alegam desconhecimento das condições de trabalho dessas pessoas e afirmam que não tinham ciência das irregularidades por parte da empresa Fênix Serviços de Apoio, terceirizada contratada para fornecer a mão de obra durante o período de safra da uva⁵. Os acusados alegam que não compactuam com qualquer espécie de atividade análoga à escravidão. De acordo com a reportagem publicada pela Zero Hora⁶, o Rio Grande do Sul, tem crescido expressivamente quanto ao número de operações de resgate de pessoas em condições análogas a escravidão e o conhecimento sobre esse tipo de exploração tem ocorrido devido à forma que a sociedade está acompanhando e se conscientizado sobre esses crimes.

Diante desse cenário, o objetivo desse artigo é refletir como determinados discursos de figuras públicas da sociedade reforçam estereótipos para naturalizar a violência contra a população negra. Para isso, a metodologia que iremos trabalhar é a análise do discurso francesa com base no fragmento de fala proferido pelo vereador Sandro Fantinel na Câmara Municipal de Caxias do Sul, na serra gaúcha contra a

³G1 Notícias: "Choques, spray de pimenta e espancamentos: veja relatos de trabalhadores resgatados que faziam a colheita em vinícolas no RS". Disponível em: [Choques, spray de pimenta e espancamentos: veja relatos de trabalhadores resgatados que faziam a colheita em vinícolas no RS | Rio Grande do Sul | G1](#) Acessado em: 10.03.23

⁴Revista Fórum: "apenas nordestinos apanhavam - diz escravizado resgatado no RS". Disponível em: ["Apenas nordestinos apanhavam", diz escravizado resgatado no RS | Revista Fórum](#) Acessado em: 10.03.23

⁵Agência Brasil: "MPT dá dez dias para vinícolas apresentarem contratos com terceirizada". Disponível em: [MPT dá dez dias para vinícolas apresentarem contratos com terceirizada | Agência Brasil](#) Acessado em: 15.03.23

⁶Zero Hora: "Com caso de Bento, 2023 já é o ano com maior número de trabalhadores resgatados de situação análoga à escravidão no RS". Disponível: [Com caso de Bento, 2023 já é o ano com maior número de trabalhadores resgatados de situação análoga à escravidão no RS | GZH](#) Acessado em: 20.03.23

operação policial de resgate das pessoas em situação análoga à escravidão. E para colaboração da nossa análise, recentemente Nelson Sirotsky, o representante do grupo RBS, que é um dos principais portais de notícia do Rio Grande do Sul, relativiza em nota no Jornal Zero Hora⁷, a violência desse episódio da safra da uva como se o mesmo fosse um “mero erro de conduta por parte das vinícolas envolvidas”.

A branquitude tem um pacto de proteção entre si, não se enxergam como parte do problema. Se autoalimenta do poder político, econômico e simbólico que exercem fortalecendo o seu narcisismo (CARDOSO 2014, pág. 34). O branco enxerga o que ele não é quando refletido no espelho. Quando enxerga a si mesmo, é sob o parâmetro de exemplo que os outros gostariam de ser e não serão. É uma figura inalcançável, porque naturalmente eles representam a humanidade.

Banalização da violência através da narrativa

A sociedade brasileira possui uma dívida histórica com a negritude, vivemos numa falsa democracia racial. Conforme Nascimento (2017) esclarece, a branquitude enaltece o discurso de mistura das raças, defendendo o slogan de que: somos todos iguais e humanos, e conseqüentemente nos leva a interpretação de que se não existe diferença, logo, não há necessidade de reparação de um grupo porque a miscigenação brasileira “deu certo”. O discurso político ensaiado é que não há o que consertar na história, e o problema da desigualdade que o negro enfrenta está relacionado somente à pobreza e não ao racismo. O branco coloca-se numa posição de ausência, e não como figura pertencente ao problema social, além disso, não se reconhece enquanto privilegiado que desfruta dessa estrutura de desigualdade racial e exclusão social.

O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão (1888), e até hoje, esse capítulo violento da história é tabu nos ambientes de ensino. Neste sentido, o apagamento da escravidão é uma das estratégias de embraquecimento para que não ocorra mudança na estrutura social, mantendo os sujeitos nos seus lugares já estabelecidos, de quem domina e de quem é dominado, permanecendo como modelo de hierarquia irrefutável. Por muito tempo, a elite brasileira romantizou o sistema escravocrata, Gilberto Freyre (2001), foi um reconhecido escritor que enaltece um falso

⁷ Zero Hora: “Brinde com vinho gaúcho”. Disponível em: [Brinde com vinho gaúcho | GZH](#) Acessado em: 05.04.23

afeto em suas obras no relacionamento entre escravizados e senhores, como se as relações não fossem de poder, induzindo que havia a remota possibilidade de escolha do escravizado diante do branco.

Construíram uma narrativa de o negro ser um sujeito passivo, de um indivíduo que optou por não se rebelar contra o sistema branco porque esse sistema o beneficiava. E que eles estavam em condições melhores em comparação ao seu lugar de origem, e lá os escravos teriam que sobreviver. Era um discurso que suaviza a violência cometida pelos senhores brancos ao mesmo tempo em que omite a exploração a que a população negra foi submetida durante séculos por esse grupo.

De acordo com Bento (2002, pag. 14), o “Estado Brasileiro sempre empreendeu esforços para construir e manter a imagem de um país harmônico nas relações entre negros e brancos”. A democracia racial por muito tempo nos fez acreditar que estamos numa mesma linha de hierarquia, que o nosso atraso político e econômico é devido à nossa falta de esforço. Essa teoria foi materializada, para que não ocorra um confronto direto entre as raças. Uma narrativa de sujeitos invisíveis que moldaram a sociedade com base no apagamento do negro e na ausência da responsabilidade do branco nesse papel estrutural. Cardoso (2001) discorre, que o branco se coloca num papel secundário na história,

A lógica de raciocínio que naturaliza o negro como escravo, ao mesmo tempo, leva de forma sutil no decorrer do tempo o esquecimento do opressor. O esquecimento é o primeiro passo, o segundo passo é a invisibilização do branco no papel de escravizador. Por isso, a imediata associação de escravidão à deformidade do negro, esquecendo-se dos outros “prováveis” deformados como o branco e o indígena. (CARDOSO, 2014, Pág. 37)

E reforçam a narrativa que a escravidão foi uma condição natural da negritude, e não associando aquele corpo negro como humano que foi escravizado e teve a sua influência direta nessa exploração. A imagem que a sociedade branca construiu sobre a negritude, parte do pressuposto de estereótipos negativos e limitantes. O apagamento do negro é uma estratégia de embraquecimento, e segue sendo reforçado na estruturas da sociedade, a negritude permanece como minoria em segmentos chaves para o avanço social, como na política, na comunicação, na educação. Em compensação, os negros são as principais vítimas dos altos índices de violência no país, são as principais vítimas do racismo ambiental, intolerância religiosa, do encarceramento em massa, desemprego, condições de vulnerabilidade. O genocídio da população negra não é atual, e não se

concretiza somente pela morte, ele atua de forma simbólica, cultural, econômica, desde do primeiro africano trazido a força em terras brasileiras e a partir disso, impossibilitou o crescimento e condições de vida da negritude na sociedade.

Estamos falando do direito de viver do outro, do direito de ser considerado vítima e durante a sessão na câmara municipal de Caxias do Sul no dia 28 de fevereiro, o vereador Sandro Fantinel (Ex-Patriota), discursou que os empresários do ramo de uvas e vinho, não deveriam contratar, segundo ele, "aquele gente lá de cima", e "que deveriam conversar com ele, para contratar uma linha de argentinos", o mesmo completou que, os argentinos são: "limpos, trabalhadores, cumprem horário, corretos, mantém a casa limpa e agradecem no final do dia pelo trabalho e pelo salário que recebeu do patrão". (FANTINEL, 2023). E continuou enfatizando que os baianos só dão problemas e para ele é um povo que não trabalha, "e a única cultura que eles têm é viver na praia e tocando tambor, que deixem de lado aquele povo que é acostumado com carnaval e festa" (FANTINEL, 2023). O vereador age enquanto político e homem branco criando mais uma violência que seria o desemprego dos baianos e não faz enquanto político qualquer proposta de medida investigativa para que reparassem judicialmente as vítimas resgatadas.

O vereador enaltece o discurso de ódio, faz comentários estereotipados contra as vítimas, generalizando e banalizando como se fosse algo errado praticar religião de matriz africana, gostar de carnaval, ser um povo festivo, além de ironizar a cultura dos nordestinos. O acusado compactua com o pensamento meritocrático, que existem pessoas passíveis de exploração. De acordo com dados do IBGE (2021), 75% da população se autodeclara branca no Rio Grande do Sul e na região do nordeste, 63,1% se autodeclara preta/parda. As falas do vereador abre margem interpretativa do lugar do negro é exclusivo ao trabalho, como se tivesse apenas uma funcionalidade na sociedade.

A análise de discurso é também sobre formação de sentidos, é sobre ditar quem tem direito à fala e quem deve escutar. O poder produz domínios conforme o Foucault (1982) é sobre algo que se exerce, que se efetiva, sendo funcional. Deixando explícito o lugar do outro, demarcar a diferença. E o diferente são sempre os outros e quem eles representam. Para Cardoso (2014, pág. 34), "o branco é um Drácula refletido no espelho". Ele enxerga somente a si mesmo como modelo, nunca humanizou o outro para refletir.

O discurso da figura pública nos leva a interpretar de que há uma ideologia regional de diferenciação, pois ele coloca os gaúchos num lugar de importância, como se somente o povo sulista fosse virtuoso, que tem uma superioridade financeira e cultural em comparação aos nordestinos, que representam a ignorância, ingratidão e é naturalmente preguiçoso, que prefere o lazer ao invés do trabalho. Colaborando para a construção de uma representatividade negativa contra um povo, além de praticar racismo religioso. O discurso de ódio proferido tem um viés de naturalizar a exploração, onde o problema são sempre os outros, nunca eles, que praticam a exploração. E consequentemente merecem o lugar inferior, de subserviência. E os acusados exercem um papel de inocência, que único erro foi ter concedido a mão para quem não merecia ajuda.

Considerações finais

Vivemos numa estrutura social fadada ao fracasso, e podemos notar que a branquitude não abre mão dos seus privilégios e poder. Se passaram 135 anos pós abolição e o negro segue resistindo e não recebendo o mínimo, a gente não vive com dignidade, por que o racismo nos atravessa em vida e memória, estamos falando de séculos de violência simbólica e estrutural. Estamos numa constante disputa, seja pela sobrevivência, seja por exigirmos uma vida sem interrupção do estado, onde nossas crianças possam ser quem elas quiserem, que tenham a oportunidade de sonhar e as suas vidas sejam protegidas. Seja também exigindo que a narrativa das nossas vidas possa ser contadas e escritas por nós mesmos, pois cansamos de ser objetos de estudo para afagar o ego daqueles que nunca vão nos entender, os brancos se ancoram no discurso da benevolência. Se ausenta como parte do problema, a inocência premeditada que exerce um papel social de um agente que concede mudanças no entorno. E que os negros deveriam ser eternamente gratos pela oportunidade.

A negritude quer reparação econômica e histórica. É sobre resgatar a identidade que por muito tempo a branquitude alimentou para que não tivéssemos orgulho. Somos fruto de um povo que não foi passivo como a história dos vencedores se acostumou a contar. Os estereótipos negativos que os brancos plantaram no imaginário social

representam o medo que eles praticam e são. A branquitude tem um pacto narcísico e se protege, eles construíram as estruturas sociais que vivemos hoje.

Fazer parte da identidade brasileira custa muito caro e é um modelo inalcançável para os negros, o que nos leva a refletir que a negritude deve romper com essas narrativas hegemônicas, a democracia racial precisa ser derrubada, não somos todos iguais e nem seremos. Como já disse Malcolm X, a libertação do negro deve ser por todos os meios necessários.

REFERÊNCIAS

BENTO, M. A.S. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. Tese (doutorado) Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Araraquara.

FONSECA, Dagoberto José. **Você conhece aquela?** A piada, o riso e o racismo à brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1982

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil -1. 42ª ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

GREGOLIN, M. R. (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

NASCIMENTO, Abdias do, 1914- 2011 - **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**/ Abdias Nascimento. – 2. Ed. – São Paulo: perspectiva, 2017.

PNAD - **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** / Características gerais dos moradores 2020-2021. Rio de Janeiro. IBGE. Disponível em: <
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101957>
acessado em 01.03.23

SANTOS, Caroline Rosa dos. **As fake news como instrumento de naturalização da morte de pessoas negras envolvendo agentes do estado**: caso Marielle Franco. 2019. 96 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Públicas, Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.